

zigzague

[CRISTIANE MESQUITA]

Doutoranda em Psicologia pelo Núcleo de Subjetividades Contemporâneas da PUC-SP. Atua como pesquisadora, professora, jornalista e consultora de projetos criativos e acadêmicos. É autora de *Moda contemporânea – quatro ou cinco conexões possíveis* (São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004).

E-mail: kekei@comum.com

[DEBORAH DE PAULA SOUZA]

Jornalista, poeta e estudante de psicanálise. Atualmente, trabalha como editora na revista *Claudia* (Editora Abril).

Cristiane
Mesquita

convida

Deborah de
Paula Souza

[41]

PROCURO-ME

PROCURO-ME



Em nosso contemporâneo, a aparência assume uma centralidade na constituição subjetiva, antes nunca vista na história da humanidade. A consolidação do corpo como *locus* subjetivo da busca incessante do *eu*, faz do cenário corporal palco de intervenções das mais radicais, em prol da materialização de uma *sensação de si*. A série "PROCURO-ME" – trabalho da poeta e artista visual Lenora de Barros¹ – começou em 1994, a partir de uma brincadeira numa máquina de retratos, daquelas que permitem estudos de diferentes cortes de cabelo. Em 2001, inspirada pela proliferação de imagens de Osama Bin Laden com a legenda "PROCURA-SE", Lenora iniciou uma composição fotográfica, na qual estampou uma espécie de multiplicação de si mesma, em cartazes lambe-lambe intitulados "PROCURO-ME".

Os diversos penteados e a expressão assustada da artista trazem à tona – com bem-vinda dose de ironia – um dos imperativos contemporâneos que nos atravessa: "encontre-se", "se ache", "diga quem é você", "*express yourself*", de preferência, à primeira vista. Os rostos de Lenora, deliberadamente submetidos aos penteados insólitos, tensionam a diretiva do superinvestimento na constituição de uma *boa figura* – para si e para os outros – como dimensão expressiva de uma *essência*. Os cartazes compuseram instalações que incluíram videoperformances e sonoridades em torno da questão identitária: "MIM, QUEM? ELA? A MESMA?" eram perguntas que ecoavam em meio às diversas Lenoras. O trabalho se desdobrou quando os rostos expostos na área externa do Centro Universitário Maria Antônia² foram pichados e, posteriormente, retalhados e roubados. O ato, assumido por um grupo que se denominava Arte Ataque, gerou outros movimentos da artista, entre eles a retomada da alteridade para abordar a questão: "PROCURA-SE" foi a conjugação que achou lugar sobre imagens rasgadas e manchadas de tinta preta.

"RETALHAÇÃO"³ foi a última exposição da série. A artista explorou as variações de si, para muito além do rosto, trabalhando com restos de matéria-prima dos primeiros cartazes, fragmentos de palavras fora da órbita identitária e com o hífen – este pequeno traço, que, ao mesmo tempo, "une e separa"⁴ o verbo PROCURAR, dos pronomes por ele exigidos. Os processos passaram por reinvenções, remendos, deslocamentos e inversões; os resultados produziram fugas, vazios e conjugações de outros verbos, de modo que a mostra, que se propunha a finalizar "PROCURO-ME", se torna pura abertura.

Trajetos entre ME e SE, a busca existencial em SI e a aparência como lugar idealizado para a PROCURA foram motes para a *conversa transversal Procu-ro-me: aparência e sensação de si* que reuniu Lenora de Barros, Deborah de Paula Souza e Ilana Berenrolc⁵. Barros relatou os processos e variações do trabalho e as convidadas percorreram vertentes da constituição da aparência. Pelo viés da Psicanálise e na companhia de poetas, Souza nos leva a pensar a procura do "eu" sem cair na armadilha do encontro. E nos instiga a encarar a aparência da mesma forma.

A vertigem da procura na companhia de poetas que não caíram em si
 isso de querer ser
 exatamente aquilo
 que a gente é
 ainda vai
 nos levar além⁶

O *Eu* é uma construção imaginária, feita na relação com nossos amores e tecido com a história de nossas escolhas. Sigmund Freud, criador da Psicanálise, dizia que o *ego* é uma espécie de mediador entre o inconsciente, as exigências da realidade e os imperativos do *Supereu* – que é um tipo de *juiz* interno. Esse *Eu* que organiza as nossas representações e traz a tal "sensação de si" é apenas uma das instâncias da *psique*. Ao considerar o inconsciente, a Psicanálise propõe que o *Eu* não é o senhor em sua própria casa. Freud chegou a compará-lo a um cavaleiro que pensa que vai onde quer, mas vai onde o inconsciente manda. Isso significa que uma parte de nós sempre nos ultrapassa. Também a aparência pode nos ultrapassar: ela revela muito de nosso inconsciente e pode funcionar como um lapso ou um ato falho; pode ser uma afirmação, um chiste, um ponto de exclamação, um vexame ou um *flash*: esta sou eu... no momento.

O que fazer com a "sensação de si", quando o pensamos num *Eu* em trânsito? O "si mesmo" não é fixo, não é uno e não é uma verdade, somos feitos de certezas imaginárias e identificações que podem se descolar e se deslocar – e é bom que se desloquem. O *Eu* é móvel. E isso vale para a instância psíquica e para o sujeito – aquele que de vez em quando



fica "fora de si". E para onde vai quem vai para fora de si? Para onde quer que essa flecha aponte, a ponte contém: a possibilidade de deslizar, deslocar, perder e acertar o alvo, viajar, perder referências fixas, aportar em territórios inseguros, esbarrar limites, peregrinar fronteiras, molhar a outra margem do rio. Por que isso seria desejável? Porque somos sujeitos em processo. Geralmente, pensamos que só estamos em formação na infância e que os adultos estariam enfim *prontos*. Felizmente, isso não acontece. A gente não pára de *se aprontar*.

O poeta Fernando Pessoa levou ao extremo a experiência de perder um *Eu centrado em si mesmo*. Criou vários heterônimos, sendo que um deles – Álvaro de Campos – declarou até mesmo que Fernando não existia. No belíssimo *Livro do desassossego*⁷, Pessoa revela o caráter provisório de toda vida e obra com reflexões, notas esparsas e até lições práticas para desgrudes do existir grudado numa identidade. Um dos textos do desassossego se chama *Um dia (zig zag)* e nos remete ao existir com um *eu* ou vários *eus*:

Não ter sido Madame de harém! Que pena tenho de mim por não ter me acontecido isso!

Afinal, deste dia fica o que de ontem ficou e ficará de amanhã: a ânsia insaciável e inúmera de ser sempre o mesmo e outro.

Fernando Pessoa diz que "conhecer-se é errar". Errante é aquele que vagueia, que é vagabundo ou nômade, que não se fixa num único lugar. Sobre esse ponto é bom lembrar que a palavra também se remete ao erro e ao equívoco, pelos quais Pessoa declara sua admiração. Entretanto, o desassossego também pode tornar-se um lugar fixo e, se a inquietação virar uma fórmula, perdeu-se novamente a maleabilidade. De toda maneira, a companhia dos poetas e dos desassossegados é bem-vinda para chegar a um avesso de certezas *prêt-à-porter*. É com esse tipo de companhia que ganhamos força para suportar – e dar suporte – o grau de desestabilização necessário à invenção. Invenção de quê? Do que se quiser inventar: inclusive a aparência ou a sensação de si.

Retomemos a questão "procu-ro-me". A procura de si mesmo impõe a ilusão de que o *Eu* tem uma "essência verdadeira", de que o *Eu* existe em algum lugar acabado, completo e único. Assim, quando eu encontrar *meu verdadeiro Eu*, a busca acabará. Esse tipo de busca costuma se tornar uma prisão. Quem procura é porque não encontrou. Ou encontrou e perdeu. Há quem se lamente pelo que poderia ter sido e não foi. Há os *Eus* que declaram "isto sou eu". Todas essas são identificações transitórias que se transformarão, para que outras identificações aconteçam. O *Eu* é uma construção contínua, as identidades e identificações são temporárias e desmancháveis; ficar preso a uma única idéia de si mesmo impede as transformações. "Procurar-se" é um trajeto, um desvio, uma farra, um risco, uma obra de arte e é tudo o que se pode continuar fazendo, ao longo da vida. A busca é permanente e, nem por isso, cansativa: desde que se faça dela um ato afirmativo e criativo. Um ato movido pelo desejo.

Neste caminho, podemos também amar os valores estáveis, desde que não esqueçamos que instabilidades, perdas e confusões estarão sempre presentes e que a aparência pode, ainda que momentaneamente, se tornar lugar de estabilidade, conforto e solidez, em muitos momentos e para nossos muitos *Eus*.

NOTAS

[1] Lenora de Barros é poeta e artista visual. Seu trabalho se desenvolve a partir de diversas linguagens, como o vídeo, a performance poética, a fotografia e a instalação.

[2] <http://www.usp.br/mariantonia/> - Rua Maria Antonia, 294,Vila Buarque, São Paulo.

[3] Centro Universitário Maria Antônia. Março a maio/2007.

[4] Palavras de Lenora de Barros na apresentação que aconteceu no auditório do MAM em 18/6/2007, na 2ª edição do evento *zigzague: desfiles incríveis, oficinas transitivas, conversas transversais*, com mediação de Cristiane Mesquita.

[5] Ilana Berenholc é proprietária da empresa Ilana Berenholc Consultoria de Imagem, é pioneira na indústria de Consultoria de Imagem no Brasil, atuando no setor desde 1994. Desenvolve trabalhos nas áreas de consultoria de imagem pessoal, profissional e corporativa.

[6] LEMINSKI, Paulo. "Incenso fosse música". In: *La vie en close*. Editora Brasiliense, São Paulo: 2000.

[7] PESSOA, Fernando. "Um dia (zig zag)". In: *Livro do desassossego*. Companhia das Letras, São Paulo: 2006.